

7. COMENTÁRIO – Governar, educar, psicanalisar: apostas impossíveis

Governar, educar, psicanalisar são três promessas impossíveis de sustentar.

Quem levantou o assunto pela primeira vez foi Freud, citei isso no comentário escrito que fiz circular no computador de vocês, embora Lacan coincida, se encontra em Freud na análise terminável e interminável, e num prefácio a um livro do Aicchorn juventude desorientada. Freud introduz esse assunto, ou, como ele diz esse *bon mot*:

Aliás, é de Tolstoi essa ironia, que foi repetida por Jakobson, que a língua francesa se presta a esse tipo de adorno, como Freud diz:

“Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis — educar, curar e governar —, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas”.¹

Essa boa frase, essa boa palavra, Tolstoi dizia, algumas vezes em seus romances, em seus contos, uma frase, uma expressão francesa, e ele dizia que a língua francesa se prestava a isso, a fazer esse tipo de adorno, a embelezar o texto.

Quando se Freud se colocou o problema em análise terminável e interminável, foi a propósito disso que queria citar:

“Enquanto for capaz de clinicar, um médico que sofre de uma doença dos pulmões ou do coração não se acha em desvantagem para diagnosticar ou tratar queixas internas, ao passo que as condições especiais do trabalho analítico fazem realmente com que os próprios defeitos do analista interfiram em sua efetivação de uma avaliação correta do estado de coisas em seu paciente e em sua reação a elas de maneira útil. É, portanto, razoável esperar de um analista, como parte de suas qualificações, um grau considerável de normalidade e correção mental. Além disso, ele deve possuir algum tipo de

¹ *Id.* Vol. XIX, p.341.

superioridade, de maneira que, em certas situações analíticas, possa agir como modelo para seu paciente e, em outras, como professor. E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade — isto é, no reconhecimento da realidade — e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano”.²

Há muita coisa aí a comentar, de fato, qualquer analista de qualquer orientação aceita esse princípio, essa condição, melhor, chamada necessária, quer dizer, a condição sem a qual nenhuma outra pode se dar, nenhum analista de nenhuma escola discorda que a análise do analista é necessária para sua formação.

Freud, com seus termos que poderíamos digamos, reparar, corrigir, atualizar, está dizendo isso, e, em segundo lugar, que o relacionamento analista analisando, que se baseia no amor à verdade, como ele diz, exclui qualquer tipo de impostura, a não ser, diria Lacan, a impostura da própria estrutura, a impostura do próprio significante, o fato de que um significante se articula com um outro significante e faz assim uma promessa de dar sentido, de dar realidade, promessa que o próprio Lacan chamou, uma certa vez³, de escroqueria. Promessa enganosa, porque não é verdade que um significante ao se articular a um outro significante produza o sentido.

Isso se explorou, em uma certa época, na “Psychanalyse d’Aujourd’hui”, ou seja, no grupo francês, muitos deles conhecemos por intermédio do comentário que Lacan faz em “A direção da cura”, oportunidade na qual Lacan se demora na crítica do que se entendeu por essa frase que está em Freud – “o relacionamento entre analista e analisando se baseia no amor à verdade”, concluindo que o grupo francês entendia isso como: “a bondade do psicanalista”. Ele, por sua vez, se interroga sobre que tipo de ser se espera do psicanalista, ou seja, o que é que o psicanalista é, ou pode ser, para que relacionamento analítico seja, efetivamente, um relacionamento no qual a verdade seja a aposta a sustentar.

Essa introdução era apenas para situar onde Freud colocou essa frase:

² FREUD, S. ESB. Vol. XXIII, p. 281-283.

³ ver escroquerie psychanalytique

“Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo”.⁴

O que isto quer dizer? Isto quer dizer que a psicanálise, o governo e a educação são tarefas impossíveis.

Vamos nos demorar sobre isso que, é, aliás, o que Lacan faz de um modo bastante hermético, embora dessa vez muito facilitado porque ele se apóia nos “quatro discursos”, quer dizer, que suas frases podem melhor ser entendidas como matemas, isto é, elas estão descritas em um discurso e por isso podem ser lidas. A gente não compreenderá as frases de Lacan, mas poderá segui-las nos grafos.

Vou primeiramente ao “Seminário 17”, onde ele lança os “quatro discursos” e dedica um capítulo ao “O poder dos impossíveis”, e onde ele diz:

“Quanto mais a procura de vocês se envereda pelo lado da verdade, mais vão sustentar o poder dos impossíveis, que são aqueles que enumerei respectivamente da última vez – governar, educar, analisar eventualmente. Quanto à análise, em todo caso, é evidente. O sujeito suposto saber escandaliza, quando simplesmente me aproximo da verdade.”⁵

Difícil entender, a não ser pelo fato de que novamente está em jogo a oposição saber e verdade. Saber, um termo, e verdade, um lugar.

Os lugares são de:

Os termos são:

o agente

o outro

S₁, o significante-mestre

S₂, o

saber

a verdade

a produção

§, o sujeito

⁴ *Id.* Vol. XIX, p.341.

⁵ LACAN, J. Seminário XVII, p.179.

A frase: “o sujeito suposto saber scandaliza quando me aproximo da verdade” pode-se escrever dessa maneira:

—
S₂

Quer dizer, o saber no lugar da verdade, quando me aproximo da verdade, pode ser essa a idéia que está aí nessa frase meio sem pé nem cabeça. O saber no lugar da verdade, isso é, como se sabe, a escrita de um discurso específico.

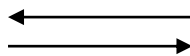
Nessa entrevista à rádio belga, solicitada pelo Sr. GeorGIN, a quem Lacan elogia no Seminário XVII⁶, dizendo que ele prova que o leu a julgar pelas perguntas que lhe faz, essa frase de Freud é tomada, esse *bon mot*, essa boa citação – governar, educar, psicanalisar – e diz que de fato são promessas – *gageures* – tarefas, apostas, porém chamá-las de impossíveis quer dizer, apenas, que são da ordem do real.

Dizer que governar é algo impossível simplesmente nos meus termos quer dizer é algo da ordem do real. E há um discurso que estrutura isso, o que é governar - o discurso do mestre.

Discurso do Mestre

impossibilidade

S₁ S₂



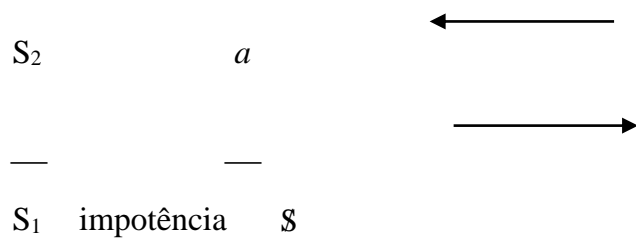
— —

§ *a*

Dizer – educar é impossível – pela mesma razão há um discurso que estrutura isso – o discurso da universidade e também é impossível no sentido que é da ordem do real.

Discurso da Universidade

⁶ *Ibid*, p. 123

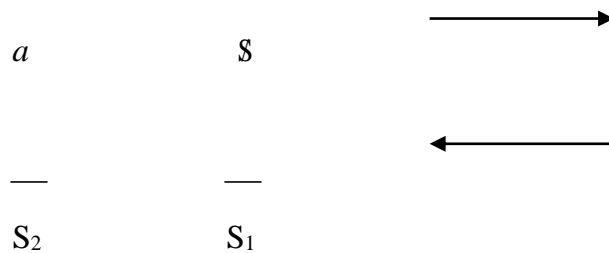


Portanto, impossível de dizer, impossível de escrever, impossível de atuar.

Por sua vez, dizer – psicanalisar ou curar é impossível – aí, com mais razão, diz ele, há um discurso que estrutura isso – o discurso do analista – e isto quer dizer que analisar é algo da ordem do real.

Discurso do Analista

impossibilidade



E queria ele nesse Seminário XVII [1969-70], mesmo ano de Radiofonia, ano em que está ocupado com esse assunto – “os quatro discursos” - o que lhe acompanha até o Seminário XX – *Encore*, dizer isso – governar, educar, psicanalisar – são tarefas da ordem do real, do impossível, é preciso provar.

Para dar provas disso seria preciso inventar uma *hontologie*, uma ontologia que fosse a condensação de *honte* – vergonha – quer dizer, uma ontologia que levasse em conta a vergonha, que pudesse permitir-se dizer: morrer de vergonha. Ontologia quer dizer se perguntar o que é o ser: ser psicanalista, ser professor, ser governador.

Para clarificar um pouco isso vou me valer de um exemplo trivial: diz-se cada vez menos: morri de vergonha. Houve um tempo em que, por exemplo, se tinha

vergonha de pedir esmola. Você só encontrava no elevador Lacerda ou um cego ou um coxo pedindo esmola. Hoje todo mundo pede esmola e, aliás, a televisão mostrou uma senhora que depois que chega em casa retira as ataduras de gaze – que é seu instrumento de trabalho - que colocou na perna. Então, já não se diz mais, com facilidade: morri de vergonha.

Lacan diz: parece evidente que é impossível governar e educar, quanto a curar não há dúvida de que é real. Ser psicanalista não é a mesma coisa que fazer uma psicanálise. Ser governo ou ser professor, não é a mesma coisa que ensinar ou governar.

Esse impossível, quer dizer, real, implica um ato que submete o dito. No caso do ser psicanalista, o ato psicanalítico. Então, se é psicanalista somente quando se opera o ato psicanalítico e, como se sabe, isso não é permanente.

Poderíamos diferenciar o ser do psicanalista do saber do psicanalista. Para me fazer entender, poderia exemplificar com o caso da supervisão. A supervisão se pode jogar em dois níveis que Freud distinguia: a análise de controle e o controle da análise. Pode-se ir à supervisão para trocar uma série de informações sobre um caso clínico, para ouvir uma explicação de um analista mais experiente, para transmitir um saber – o saber do psicanalista. Pode-se dizer alguma coisa sobre a transferência, a interpretação, tal sintoma, tal classificação, a fantasia, o começo de uma análise, a análise de um sonho, o final de uma análise, etc., enfim, tudo isso diz respeito à transmissão de um saber. Há um saber do psicanalista (no sentido mais fraco do termo) que se pode transmitir em uma supervisão.

Por outro lado, há o ser do psicanalista. Muitas vezes se vai a uma supervisão porque, retomemos a citação acima,

“...as condições especiais do trabalho analítico fazem realmente com que os próprios defeitos do analista interfiram em sua efetivação de uma avaliação correta do estado de coisas em seu paciente e em sua reação a elas de maneira útil”...⁷

⁷ FREUD, S. ESB. Vol. XXIII, p. 281-283.

tal caso tocou em tal ponto cego do analista e suscitou o que os psicanalistas ingleses gostavam de chamar de contratransferência. Nesse caso não estamos discutindo o saber, mas o ser do psicanalista. Quando a relação com o outro, que Freud chamou de transferência e Lacan chamou de sujeito suposto saber, é questionada pelo fato de que algum dado do analisando perturbou o analista. Era clássico começar uma supervisão perguntando ao supervisor o que lhe fez escolher este caso e não aquele outro. Será que este caso tocou o ser do psicanalista?

Então, uma coisa é o saber, espero ter clarificado alguma coisa com esse exemplo, e outra é o ser do psicanalista. O que é impossível não é o saber, mas o ser do psicanalista. A *hontologie*, portanto deriva-se daí. Se houvesse ainda hoje em dia a condição de se dizer morri de vergonha, talvez não precisássemos deste impossível, talvez pudéssemos dizer que ser psicanalista é possível, que governar é possível, educar é possível.

Portanto, governar, educar e psicanalisar como impossíveis diz respeito ao ser e não ao saber do psicanalista, ao ser do professor, ao ser do governante e não ao saber.

O problema aqui colocado afinal de contas é: ser psicanalista é impossível, isto é, real. Há aí alguma coisa indizível, inefável, de tal maneira que não se pode simplesmente escrever no cartão de visitas ou afixar na porta do consultório: Jairo Gerbase – psicanalista. Fazemos isto embora saibamos que isso não dá conta do que o verbo ser exige. Isso não dá conta da ontologia.

Que governar e educar seja impossível, parece evidente, mas Lacan não se ocupa disso, se ocupa de curar ou analisar. Aí não há dúvida de que é real, no sentido em que é ato e seria preciso mostrar um pouco disso apelando aos “quatro discursos”.

Os “quatro discursos” Lacan enunciou mais uma vez quando fundou a “Clínica Psicanalítica de Vincennes”. Nessa ocasião ele pronuncia um texto bonito que diz assim:

“Há quatro discursos; cada um se toma pela verdade; só o discurso analítico faz exceção. Dever-se-ia esperar que ele dominasse, mas o discurso analítico exclui a dominação”.⁸

Então, Lacan se coloca a pergunta: governar, educar, curar, portanto, quem sabe? E, a partir daí, começa a fazer matemas, frases sobre as quais não é preciso perguntar o que se quer dizer, enunciados que apenas diz. Há uma definição de matema que diz que o matema é um enunciado sem enunciação. Por exemplo, a frase - a impossibilidade de governar deve ser traduzida em impotência de comandar o saber – é um matema.

Há muitas coisas aí que se pode deduzir, mas não se pode interpretar, decifrar. A impossibilidade de governar significa a impotência de comandar o saber. Lacan diz isso assim:

“Essa submissão – do dito ao ato - se efetiva por intermédio do limite do número dos discursos que se pode estruturar em quatro”.

Então, devo procurar um discurso que indique isso, que governar implica em impotência em comandar o saber, dito de outra maneira, que indique que não é possível comandar o saber.

O fracasso em educar pode-se mostrar pela impotência do saber para animar-se do desejo (que é o que o discurso histérico enuncia). É outro matema. O saber tem que ser animado pelo desejo de saber.

Temos aí uma exigência a fazer ao mestre e ao professor que demonstre que há um impossível, ou seja, um real em jogo que tem função em seus discursos.

Finalmente, mais um matema: a estrutura de cada discurso tem necessidade de uma impotência, ou seja, de uma barreira ao gozo, de uma disjunção entre a produção e a verdade. Pelo menos isso, podemos entender, que a impotência é essa barreira // que podemos introduzir entre estes dois lugares de um discurso:

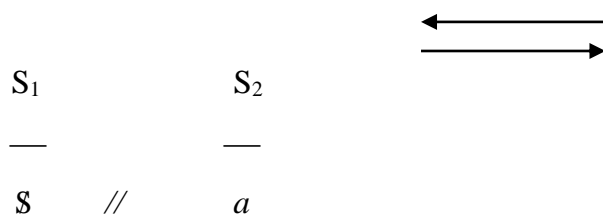
_____ _____
a verdade // a produção

⁸ LACAN, J. Talvez em Vincennes.

Então, o terceiro matema é: a estrutura de cada discurso tem necessidade da impotência, o que quer dizer que em cada discurso devo encontrar essa barreira.

Aplicando ao discurso do mestre, esse terceiro matema pode ser escrito: o mais-de-gozar (a), enquanto produção desse discurso, encontra uma barreira para satisfazer a verdade do sujeito ($\$$) a não ser sustentando a realidade de sua fantasia.

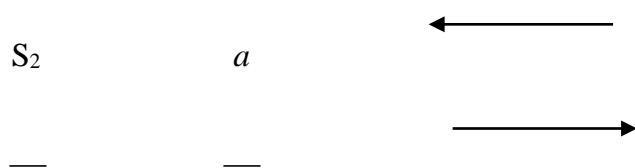
Discurso do Mestre
impossibilidade



Quer dizer, para analisar um matema, para torná-lo menos enigmático, precisamos escrevê-lo em um discurso. Essa barreira ($//$) entre o lugar da produção e o lugar da verdade, barreira ao gozo, no discurso do mestre é a impotência necessária à relação do sujeito com seu gozo, o que dá a condição de impossibilidade a esse mesmo discurso. Encontramos aqui, de algum modo, os termos da fórmula da fantasia e é disso que a impotência tem necessidade no discurso do mestre.

Aplicando ao discurso universitário, esse terceiro matema – a estrutura de cada discurso tem necessidade da impotência - também pode ser escrito: é a hiância em que se devora o sujeito que ele produz por ter de supor um outro do saber.

Discurso da Universidade



S₁ impotência §

Então, temos agora o sujeito (§) no lugar da produção jogando com o saber (S₂) no lugar do agente na medida em que ele supõe o mais-de-gozar (*a*) como outro do saber. Tomar o saber (S₂) como agente quer dizer supor no lugar do outro o mais-de-gozar (*a*) como outro do saber. É uma condição do impossível essa suposição de que se pode colocar no comando, se pode colocar como agente, o saber. Colocar o saber no comando é, digamos, a condição da impossibilidade do discurso universitário. E, por outro lado, produzir o sujeito a partir dessa suposição de que há um outro do saber e de que há um saber que pode ser agente de um discurso.

A gente se enganaria em pensar que com base nessas verdades encontraria o caminho do real (do inefável) ao fato (ao tangível). A gente se esqueceria nesse caso que essas verdades não são mais do que conseqüências do discurso que se deduz delas. Esquecer-se-ia também que o discurso surgiu da balança do inconsciente, balança entre “progresso” (para o pior) e “regressão”, e ainda se esqueceria que o discurso surgiu de outro discurso que o precede com um certo sentido rotatório.

Podemos, em seguida, mostrar que os dois discursos acima foram esclarecidos a partir de dois outros discursos. O discurso do mestre se esclarece a partir do discurso do histórico, ou da histórica, por “regressão”, isto é, por um movimento de rotação em sentido contrário. Esse movimento de regressão dos termos do discurso histórico permite deduzir o discurso do mestre. A impossibilidade do discurso do mestre, a impossibilidade de governar, tem de fato a ver com o discurso histórico, discurso do qual ele foi deduzido, por esse movimento chamado de regressão, cujo problema é: é preciso animar-se do desejo, tal como o discurso histórico enuncia, ao colocar no lugar da verdade o objeto *a*, mais-de-gozar. Mas ao colocar o mais-de-gozar no lugar da produção, o discurso do mestre deve se entregar ao saber do escravo, não conseguindo, a partir do discurso do qual foi deduzido, que a mulher seja causa (não objeto) de seu desejo.

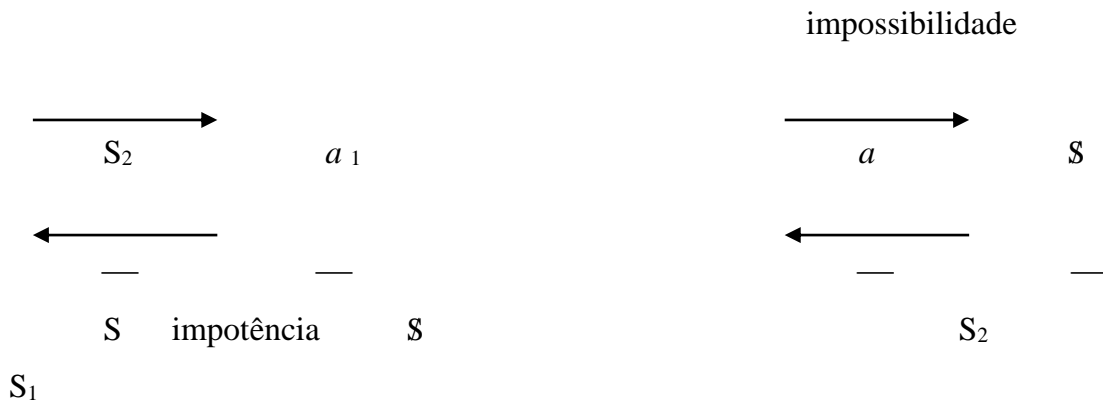
Discurso do Mestre se esclarece por "regressão" do Discurso da Histórica

impossibilidade



Podemos finalmente fazer a mesma dedução agora por progressão do discurso do analista ao discurso da universidade. Quer dizer, por esse movimento de progressão sobre o discurso universitário, o discurso do analista poderia permitir-lhe cercar o real cuja função é sua impossibilidade. Isso implicaria em supor o saber da estrutura que, no discurso do analista, ocupa o lugar da verdade.

Discurso da Universidade se esclarece por "progresso" no
 Discurso do Analista



Então, através dos “quatro discursos” se pode dizer alguma coisa sobre por que governar, educar, curar é impossível, além do que já disse em relação ao ser: é impossível indicar o ser do psicanalista.

Psicanalisar é impossível, enfim, no sentido em que se pode dizer existe um psicanalista, mas não se pode dizer existe o psicanalista, porque isso implicaria em poder nomear o ser do psicanalista.

A dificuldade de nomear o ser do psicanalista aparece aqui, no discurso do analista, na impossibilidade de tomar como agente do discurso o objeto *a*, mais-degozar. Pois, como fazer de um objeto sem substância, sem consistência, de um objeto que é pura consistência lógica, o agente de um discurso.

Se nos reportarmos ao Seminário 20, iremos lembrar que Lacan disse: eu não disse que o analista é o objeto *a*, eu nem mesmo disse que o analista é o semblante do objeto *a*, eu disse que ele pode ocasionalmente ocupar o lugar do semblante e fazer reinar aí o objeto *a*.

Por outro lado, o termo saber, no discurso do analista, o lugar onde se o coloca, atende a definição da estrutura da interpretação, tal como foi definida em “A direção da cura”: a estrutura da interpretação é a do saber no lugar da verdade.

Esse é o contencioso mais importante que aparece em toda a radiofonia, a incompatibilidade entre saber e verdade. Não são incompatíveis, mas ocupar esse lugar que às vezes denominamos o lugar do inconsciente recalcado e fazer com que a estrutura da interpretação dependa disso, é mais uma razão para se falar da impossibilidade de curar.